

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Teatro Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

Outros modelos de educação são possíveis: o teatro do oprimido como estratégia pedagógica para uma escola melhor

Carlos Roberto Escouto

Pelotas, 2018

Carlos Roberto Escouto

**Outros modelos de educação são possíveis: o teatro do oprimido como
estratégia pedagógica para uma escola melhor**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Teatro licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção de título de licenciado em Teatro.

Orientadora: Fabiane Tejada da Silveira

Pelotas, 2018

**Outros modelos de educação são possíveis: o teatro do oprimido como
estratégia pedagógica para uma escola melhor**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Teatro licenciatura como
requisito parcial à obtenção de título em licenciado em teatro.

Data de defesa:

26 de fevereiro de 2018.

Banca examinadora:

Prof. Dra. Fabiane Tejada da Silveira (orientadora)
Doutora em educação pela Universidade Federal de Pelotas

Andrisa Kemel Zanella
Doutora em educação pela Universidade Federal de Pelotas

Ney Roberto Vátimo Bruck
Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Educação pelo desejo

Derrubem-se as paredes,
Defenestre-se as carteiras.
Extingue-se as grades e
Convoque-se a liberdade.

Chame o desejo
Dialogue com o aprendiz:
O que tu queres fazer?
Sobre o que deseja aprender?

Tás bem? Quer estudar agora? Não?
Vais fazer qualquer coisa então!
Quando quiseres,
Terão aulas aí,
Os grupos de pesquisa são formados periodicamente,
Os professores estão abertos a qualquer momento.
Fique à vontade.

Não vamos te obrigar

A nada.

Não vai ter que obedecer sinetas

Nem vamos te infringir cognitivamente.

Você será livre!

O conhecimento?

Este vai ser o deleite.

O fruir.

O saber.

O querer e o estar interessado

Naquilo,

Naquele momento

E estar disposto.

Abaixo todo autoritarismo no saber

Cânones, clássicos, conteúdistas, catedráticos

[blocos de iceberg]

São importantes,

Pertinentes para formação de todo indivíduo,

Mas não quando imposto.

Resumo

O presente trabalho é uma pesquisa reflexiva que aborda a do modelo escolar tradicional de educação pública. Dialoga com as obras de Paulo Freire *A pedagogia do Oprimido* e de Augusto Boal *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas* no sentido de aproximar as ideias dos autores para contribuir na discussão sobre a educação pública. O trabalho aborda modelos de educação alternativos ao modelo público tradicional que estão espalhados pelo mundo e que mostram resultados positivos tanto no desempenho profissional dos alunos que por lá passaram como na realização dos profissionais que trabalham nestas instituições. Adiante, o trabalho reflete sobre como o teatro do oprimido de Augusto Boal e algumas de suas técnicas podem contribuir na discussão da reformulação da educação pública. O estudo traz dois exemplos em que as técnicas de Boal foram utilizadas em escolas no Brasil no intuito de discutir o espaço escolar. Por fim, o trabalho apresenta o relato de uma experiência de trabalho com as técnicas do teatro do oprimido em uma escola pública com estudantes de nível médio, no município de Pelotas/RS, onde teve como objetivo discutir o ambiente educacional proposto pela escola a fim de diagnosticar as possíveis opressões neste espaço e buscar alternativas para resolvê-las.

Palavras chave: educação pública, modelos alternativos, teatro do oprimido.

Abstract

The present work is a reflexive research that approaches a "bankruptcy" of the traditional model of public education. Dialogue with the works of Paulo Freire "A pedagogy of the Oppressed" and Augusto Boal " Theater of the Oppressed and other political poetics " in order to approach as ideas of the authors to contribute to the discussion about a public education. The study approaches alternative education models to the traditional public model that are spread around the world and which show positive results both in the professional performance of the students that have passed through and in the achievement of the professionals who work in these. Ahead, the work reflects on how Augusto Boal's Theater of the Oppressed and some of his techniques can contribute to the discussion of the reformulation of public education. The study brings two examples in which as techniques of Boal were that in schools in Brazil in order to discuss the school space. Finally, the paper presents the report of a work experience with the techniques of the Theater of the Oppressed in a public school with middle school students, not municipality of Pelotas / RS, where it aimed to discuss the educational environment proposed by the school in order to diagnosis as alternatives to solve them.

Keywords: public education, alternative models, theater of the oppressed.

Lista de figuras

Figura 1: Escola Simões Lopes Neto. Jogo espelho.	50
Figura 2: Escola Simões Lopes Neto. Variante jogo espelho.	51
Figura 3: Escola Simões Lopes Neto. Improvisação cena-foro.	52
Figura 4: Escola Simões Lopes Neto. Variante jogo espelho.	53
Figura 5: Escola Simões Lopes Neto. Exercício de relaxamento.	54
Figura 6: Escola Simões Lopes Neto. Jogo espelho.	55

SUMÁRIO

Origem do Estudo.....	11
Questão de Pesquisa e Objetivos.....	13
Metodologia.....	14
Um currículo obrigatório que engessa o modelo escolar	16
Fundamentação Teórica: Paulo Freire e Augusto Boal	19
Outros modelos educativos são possíveis	21
O Teatro do Oprimido na escola pública	27
Uma experiência de TO como estratégia pedagógica para repensar a escola	31
Considerações Finais.....	34
Referencias	35
Anexos... ..	38
Projeto intervenção TO em uma escola pública em Pelotas/RS	40

Origem do estudo

O trabalho parte de três campos de inquietação do pesquisador: o pessoal, o social e o profissional. O pessoal é no sentido da não identificação com a escola no período em que transitou pela mesma. O fato de estar dentro de sala de aula sendo obrigado a estudar conteúdos que estavam muito distantes da realidade que ele vivenciava e de suas curiosidades intelectuais no momento faziam-no se sentir angustiado e não identificado dentro de sala de aula. A quantidade dos conteúdos das diferentes matérias que era estudado ao mesmo tempo não agradavam sua formação intelectual, pelo contrário, o volume de atividades impostas para serem desenvolvidas causavam ansiedade por pensar que não ia cumprir as metas de apreensão dos conteúdos das disciplinas e ficar para trás nas séries (hoje anos) escolares. Era tomado por um sentimento de deslocamento, pois, não entendia sua situação naquele lugar comparado a outros poucos colegas que absorviam melhor os conteúdos ou cumpriam com agilidade as demandas e aparentavam estar mais confortáveis naquele espaço. Por isto, neste trabalho, pretendeu-se investigar o porquê da escola nunca ter sido atrativa, não só para ele, mas, igualmente para muitos outros adolescentes. O social, vem a partir da observação do comportamento de amigos e conhecidos por suas passagens pela escola. Na maioria destes, não detectava interesse e engajamento em eles estarem na escola no sentido de aproveitamento intelectual para suas formações e também de a maioria não ter dado continuidade nos estudos em uma instituição de ensino superior. O profissional, surge enquanto estudante do curso de licenciatura em Teatro e futuro docente em desvendar o desinteresse e a não identificação em boa parte dos adolescentes em frequentar o ambiente de sala de aula. Investigar isso no sentido de estar preparado para pensar em um outro ambiente onde adolescentes e jovens se identifiquem mais com o estar em sala de aula para que tenham uma formação intelectual na escola mais ao encontro de suas aspirações intelectuais. Ao mesmo tempo, diagnosticando os possíveis desconfortos dos alunos com o ambiente educacional, estar preparado para junto com os alunos e a comunidade escolar discuti-los para transformá-los, ter um ambiente mais prazeroso e saudável para todos que lá estejam. Neste sentido, propõe o dialogar sobre opressões no ambiente escolar através do teatro do oprimido na tentativa de encontrar

saídas para as opressões escolares para tentar construir um ambiente sem opressão. Os autores Paulo Freire e Augusto Boal vem como norteadores desta reflexão. Paulo Freire, porque através do diálogo nos instiga a desvelar as opressões e após isso, pensar estratégias de luta para a *libertação* das mesmas. Nunca reproduzindo as estratégias do opressor. Uma das estratégias que dialogam com a de Freire é a de Augusto Boal e algumas de suas técnicas do teatro do oprimido, especificamente o teatro-foro e o teatro-imagem, que serão propostas aqui como estratégia pedagógica de discussão do ambiente escolar. Avançamos do campo da discussão e entramos no campo do teatro. Ele será o palco para a discussão, proposição e resolução das opressões para aqueles e aquelas que vivenciam aquele espaço. Será a estratégia dos oprimidos refletirem sobre suas opressões e coloca-las em cena, discutindo-as e propondo mudanças. Ao mesmo tempo, o público, ao se deparar com aquela situação de opressão na cena-foro, terá a oportunidade de interagir na solução daquela controvérsia opressiva e assim construir juntos saídas para aquela opressão. Contribuindo assim para um ambiente escolar mais harmonioso, sem opressão e mais saudável nas relações entre os que lá se encontram.

Questão de pesquisa

Quais os problemas do modelo escolar que faz com que boa parte dos adolescentes não se identifiquem com a escola? Há escolas mais prazerosas onde alunos, professores e funcionários se sintam mais à vontade em seu ambiente? O teatro do oprimido pode contribuir de forma estratégica para a discussão do modelo escolar?

Objetivos:

Refletir sobre a escola tradicional e pesquisar modelos educacionais alternativos ao modelo tradicional.

Investigar as contribuições do Teatro do Oprimido na discussão das opressões na escola e nas proposições de mudanças.

Refletir sobre a experiência com Teatro do Oprimido em uma escola pública.

Metodologia

A pesquisa iniciou com o questionamento do modelo escolar tradicional, com o objetivo de alinhar o Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal com educação, na tentativa estratégica de discutir o sistema de ensino escolar no intuito de transformá-lo de forma democrática através das técnicas do “TO” de Boal. A discussão da escola a partir do desvendamento das opressões e a exposição dos envolvidos em cena, fazendo a plateia interagir na solução destes conflitos. A técnica da cena-foro foi uma forma pertinente e lúdica encontrada pelo autor como estratégia de discussão do ensino.

Retomou-se as leituras *A estética do Oprimido*, *Teatro do Oprimido e outras poéticas política* e os *200 jogos para atores e não atores com vontade de fazer teatro*, de Augusto Boal. Desta etapa derivou a outra de experienciar as técnicas de “TO” em campo, ou seja, em uma escola, a fim de ver na prática se a ideia de investigar as opressões e discuti-las funcionaria. Antes de planejar a experiência na escola, o autor releu também Paulo Freire com o objetivo de aprofundar teoricamente o conceito de oprimido, e a sua problemática de se conscientizar da sua situação de oprimido para a partir de então planejar estratégias de luta em busca de sua libertação. *A pedagogia do oprimido* e *A pedagogia da autonomia* contribuíram no embasamento teórico tanto do trabalho de conclusão de curso, como no projeto submetido à escola para fazer a experiência com as técnicas de “TO”. Depois do projeto ser submetido a escola e de ser executada a experiência, reuniu-se os resultados desta experiência a presente dissertação da pesquisa. Realizou-se uma reflexão crítica do modelo escolar dialogando com Paulo Freire. Após, relacionou-se Freire e Boal no intuito de alinhar ambas ideias a fim de servir de embasamento teórico para a discussão da reformulação do modelo escolar. Depois foi pesquisado modelos alternativos educacionais ao modelo escolar tradicional. Muitos projetos apareceram, fez-se a seleção de quatro modelos que foram trazidos para pesquisa a fim de mostrar que há modelos vigentes escolares mais prazerosos, democráticos e alternativos ao modelo escolar tradicional, que na visão do autor, é opressivo em suas relações interpessoais e curriculares, pois não gera um aprendizado satisfatório e restringe o livre

aprendizado por parte do aluno, e por consequência a falta de identificação com o modelo escolar tradicional. Então, o autor refletiu sobre como Boal dialoga com as técnicas de “TO” na discussão e transformação da escola, e trouxe dois exemplos de escolas que utilizaram técnicas de “TO” para discutir o ambiente escolar. Ao final, relatou sua própria experiência de campo, realizada em uma escola, na cidade de Pelotas/RS.

Um currículo obrigatório que engessa o modelo escolar

O sistema de ensino público tradicional brasileiro possui muitos problemas. Vai desde a má remuneração de professores e funcionários, passa por infraestrutura da escola semelhante a um presídio ou fábrica, onde há sinetas indicando entrada e saída e troca de conteúdos, pessoas divididas por idade e amontoadas em salas de aulas separadas, e, talvez o mais grave, a imposição curricular arbitrária dos conteúdos.

Não precisa ser especialista em educação, basta fazer uma reflexão, e, a partir dela, tirar suas próprias conclusões: pense numa sala de aula, nesta sala, há, pelo menos, 30 adolescentes. Eles ficam lá em torno de 4 horas por dia. Estas 4 horas são subdivididas em períodos que vão comportar as disciplinas (disciplinas? Que nome feio que deram para as áreas do conhecimento, você não acha?), nestas disciplinas, em cada uma há uma série industrial de conteúdo a serem repassados a estes adolescentes onde eles terão que aprender para poder progredir nos anos escolares. Aqueles que não conseguirem aprender tais conteúdos, ficarão para trás. Aqui reside o principal problema que analiso na educação, no sentido de aprendizado: será que estes 30 adolescentes se interessam em aprender na mesma hora, estes mesmos conteúdos? Todos ao mesmo tempo durante estas 4 horas nas diferentes disciplinas? É humanamente impossível. Fere o direito de escolha e de liberdade de aprendizado de cada um, previsto na própria lei 9.394/96 de diretrizes de bases da educação nacional que rege a educação nacional.

A sua inquietação, a sua curiosidade, não é respeitada. Curiosidade esta que é a força motriz de todo o aprendizado em qualquer pessoa. Paulo Freire diz que a curiosidade é a pedra fundamental para o saber do ser humano, em suas próprias palavras:

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnica, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache "repousado" no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer. " (FREIRE, P . 52)

Em seu exercício de alinhar a curiosidade ao aprendizado da pessoa, Freire vai mais adiante, diz ainda que " o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da

perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. ” (FREIRE, P. 53). Concordo plenamente com Freire. Mobilizando para o aprendizado do ser humano a curiosidade do mesmo, vamos fazer ele se sentir integrado na construção do seu próprio conhecimento. Ele não vai receber passivamente os conteúdos das áreas do conhecimento, pelo contrário, vai ser provocado a utilizar sua curiosidade no desvelamento do mundo e de como as relações funcionam, construindo assim, sua bagagem intelectual que o formara para a vida cotidiana. Devemos abandonar a concepção arcaica de que o verdadeiro ensinamento é através da transferência de conteúdos. Este pensamento é totalmente arbitrário e desrespeitoso com a individualidade do ser humano, sua identidade e sua curiosidade intelectual. O professor deve ser o instigador do conhecimento, o provocador, aquele que estimula e acompanha o aluno em sua pesquisa pelo conhecimento, ou, como Freire diz “ ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. ” (FREIRE, P. 12)

Desrespeitar a curiosidade do aluno fere seu aprendizado, faz com que ele memorize o conhecimento para passar nas provas e seguir adiante nos anos escolares. (Prova? o aluno está condenado? Por quê? Isto é gravíssimo. A posição do aluno em si já está como réu sendo que ele não fez nada...). Não há aprendizado, há memorização, repetição e esquecimento dos conteúdos. Com isto, o aprendizado se esvai.

Paulo Freire chamava este modelo de educação de “educação bancária”. Onde, em total passividade dos educandos, os alunos, os educadores, os professores, depositavam nos educandos os conteúdos sem direito de escolha por parte destes. Assim, não gerando aprendizado. Como ele mesmo diz no seu livro “A pedagogia do oprimido”

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. (FREIRE, P. 33)

Este modelo curricular de educação passiva, talvez seja o fator principal de, atualmente o país não ter o hábito de leitura, por exemplo. Em 2016, revelou-se que o brasileiro lê em média 1,7 livros por ano no país (O GLOBO). Além deste sinal na leitura, o país possui graves problemas ambientais, de saneamento básico, tributário,

de racismo, de intolerância religiosa e sexual, de discriminação das minorias e desconsideração dos direitos humanos, de desigualdade econômica, crises política e institucional. Talvez se tivéssemos uma melhor base escolar onde se dialogasse mais sobre o meio em que as pessoas vivem, talvez estes problemas estariam sendo melhor solucionados e entendidos por toda população, que estaria agindo conjuntamente com seus representantes políticos na solução dos mesmos.

A escola, ao estudar conteúdos fragmentados e distantes da realidade e curiosidade cotidiana dos alunos, não consegue ter uma visão do todo das coisas, nem consegue transmitir ao aluno uma visão de como a sociedade funciona, o que torna abstrato e distante dos alunos os problemas que eles convivem diariamente. Talvez seja este o fator que gera o desinteresse de boa parte da sociedade em solucionar e se engajar nos problemas sociais, os afastando do exercício de cidadania e da política, o que dificulta e atrasa ainda mais a resolução dos problemas da sociedade. Parece que a sociedade analfabeta política que Bertolt Brecht previu no século passado cresceu e está em crise pelo seu próprio analfabetismo.

Precisamos de um modelo escolar que discuta a realidade social. Que instigue e estimule os alunos na construção do conhecimento, que desperte a curiosidade do mesmo, para que a busca pelo conhecimento seja permanente e autônoma pelo educando, e que parta dele e que ele se sinta protagonista. O professor não deverá ser aquele que transmite o conteúdo, mas sim, aquele que auxilia a pesquisa do educando na construção do seu conhecimento.

Assim, caminharemos de fato para o aprendizado e não para a memorização e o esquecimento dos conteúdos das áreas do conhecimento. O educando estará engajado corporal e psicologicamente na pesquisa, o professor será seu parceiro, seu orientador, não o seu depositante. Com isto, caminharemos para uma sociedade mais altruísta, crítica, integrada socialmente com as questões sociais e intelectualmente proativa. Fazendo desta sociedade, uma sociedade humanamente melhor de se habitar e mais comprometida com as problemáticas sociais e o bem estar de todas e todos.

Fundamentação Teórica: Paulo Freire e Augusto Boal

O termo oprimido utilizado por Augusto Boal em seus livros e na criação de seu método teatral revolucionário e libertador do Teatro do Oprimido não é mera coincidência com o Oprimido muito labutado, refletido e analisado de Paulo Freire em suas pedagogias. Não é coincidência, é união, é casamento. Boal homenageia Freire utilizando este termo tamanha é a identificação de sua proposta metodológica teatral com o pensamento Freireano.

Ambas pedagogias se preocupam na relação social entre oprimido X opressor. Ambos procuram conscientizar o oprimido de sua situação e a partir daí fazer com que ele aja em prol de sua libertação, não criando uma nova linhagem de opressores e sim uma nova sociedade sem opressão. Tarefa esta que não pode partir da ação do opressor e sim do oprimido que terá dupla função: dialogar com o opressor no sentido de resolver a opressão vivenciada e a partir daí não se utilizar dos métodos opressores, pelo contrário, evita-los a fim de que a opressão não se torne cíclica e posteriormente adotada pelo oprimido na condição de não mais oprimido.

Freire dissertou para os socialmente oprimidos em seus livros sobre como se conscientizar da situação de opressão e como sair dela a partir do diálogo e da ação. Como ele mesmo se refere a respeito da funcionalidade de sua pedagogia:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, P.23)

Boal, criou um método dentro do teatro para através da dramaticidade o oprimido dialogar sobre a opressão vivenciada. Denunciá-la, discuti-la e resolvê-la expondo-a em cena, dramaticamente. Em Suas palavras: " O teatro do oprimido é um método de pesquisa e criatividade que tem como objetivo transformação pessoal, política e social e que pode ser usado por todos aqueles que se enquadram na categoria de "oprimidos", sejam operários, camponeses, mulheres, negros, homossexuais. " (BOAL, P. 12). Além de tais técnicas, Boal cria um arsenal de jogos teatrais para "atores e não-atores" (como o próprio nome de um de seus livros diz

“200 jogos para atores e não atores com vontade de dizer algo através do teatro”), para que os envolvidos através dos jogos “desmecanizem” seus corpos, expurguem suas amarras diárias, os enrijecimentos, seus vícios corporais e psíquicos, para a partir daí, poder ter um corpo e uma psique mais disponível, livre e aberta para a discussão e proposições de soluções para as opressões através do teatro.

Boal e Freire se complementam. Diria até que Boal foi um pouco mais além de que Freire na questão prática da ação de libertação do oprimido. Freire teoriza sobre a relação da opressão na sociedade e fala sobre a necessária saída através do diálogo para a libertação do oprimido. Boal, além de teorizar sobre a situação do oprimido, cria ferramentas e técnicas teatrais para que os envolvidos, antes de se utilizarem das técnicas, se utilizem das ferramentas para ter um corpo e uma psique mais disponível, um maior manuseio destas técnicas e a partir daí discutir entre os oprimidos sua situação e propor alternativas de mudança através da representação destas opressões no teatro dialogando com a plateia e permitindo sua participação na resolução deste conflito cênico, que é o caso da técnica “cena-foro”.

Os dois, sem dúvida, são personalidades que dedicaram boa parte de suas vidas a estudar a sociedade e suas opressões e se debruçaram na pesquisa de como criar métodos para conscientizar o oprimido a discutir sua opressão. São como heróis do povo brasileiro e do mundo e de todos aqueles e aquelas que lutam por um mundo mais justo e digno para com a pessoa humana.

Serão lembrados *ad eternum* tanto na educação como no teatro como aqueles que se preocuparam e se dedicaram à luta e à libertação da opressão na sociedade.

Outros modelos são possíveis

Neste capítulo vou descrever alguns modelos de educação alternativos ao modelo tradicional de ensino. Vão servir para ampliar o paradigma educacional e para sinalizar que há experiências positivas em educação nos quatro cantos do mundo que vão totalmente ao contrário do modelo tradicional. Elas vão mostrar que liberdade, democracia e prazer no aprendizado é possível, contrariando o modelo tradicional de ensino onde o aprendizado é transformado em exames avaliativos frequentes sobre uma diversa gama de conteúdos fazendo disto um processo de memorização, despejamento na avaliação e posterior esquecimento de conteúdo. O que não resulta em aprendizado. Durante a pesquisa descobri outros modelos educacionais espalhados no Brasil e no mundo que, com muito pesar, não vou conseguir comentar neste capítulo. Porém, deixo-os citados aqui caso seja curiosidade do leitor saber de outros modelos pedagógicos educacionais em atuação no Brasil. São eles: a escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorin Lima, em São Paulo, assim como, no mesmo estado, na cidade de São José do Rio Preto, a escola Maria Peregrina. Em Picaranga, na Bahia, a Escola Livre Inkiri. A Escola Meninos e Meninas do Parque em Brasília e o Ginásio Experimental de novas tecnologias Educacionais “GENTE” no Rio de Janeiro. A seguir, alguns modelos de educação alternativo no Brasil, nos Estados Unidos, Inglaterra e Portugal.

Sudbury Valley Scholl

Pensamos numa escola. Amplo terreno verde. Bosque. Jardim. Lago. Uma casa que externamente é muito semelhante a muitas casas consideradas “mansões”. A diferença das demais é que lá dentro funciona uma escola um tanto diferente das escolas tradicionais. Não há salas de aulas: há espaços para aprendizagem. Possui

sala de artes, cozinha industrial, sofás, mesas, estantes de livros, sala de música, sala de reuniões, laboratório de química e sala de oficinas.

Esta é a aparência estrutural da escola de Sudbury Valley School em Framingham, Massachusetts, nos Estados Unidos da América. Entretanto, não só por sua aparência infra estrutural que ela se diferencia das demais, mas, também e talvez principalmente, pelo seu modelo de “currículo”. Aliás, esta palavra é escassa nesta escola. Não há “currículo”. Cada estudante é responsável pelo seu aprendizado. Quem decide o que aprender, em que tempo e como serão avaliados são os próprios estudantes.

Os professores estão lá apenas para auxiliar os alunos naquilo que eles porventura tiverem necessidade de ajuda. Se for o caso, eles mesmos irão até os professores e juntos traçarão um plano para resolver tal problema. O (a) estudante, além de optar no que estudar, ele (a) pode muito bem optar por não fazer nada. Passar o dia brincando ou jogando videogame, seja o que for, o estudante tem total liberdade de escolha.

Esta liberdade requer uma responsabilidade que acarreta diretamente em altruísmo, em protagonismo e em engajamento no processo de aprendizado. Uma vez que o currículo não é imposto, o (a) estudante tem a responsabilidade de traçar seu próprio plano de estudos e refletir sobre seu processo de aprendizado. Não discorrendo muito sobre Massachusetts, vamos ampliar nosso paradigma educacional de escolas alternativas e ir refletindo, comparando e analisando com os modelos de educação tradicional.

Escola Básica da Ponte

Outra escola que merece destaque e referência por seu modelo democrático, solidário e autônomo é a escola Básica da Ponte, mais conhecida como “Escola da Ponte”. Idealizada por José Pacheco, em 1976, quando a escola sofria vários

problemas como conflitos entre professores e alunos, má comunicação e distanciamento entre docentes e não reconhecimento de pertencimento e identidade daqueles que lá estavam.

Apesar de formalmente a escola se declarar organizadamente com anos e turmas para o ministério da educação de Portugal, na escola, não existe esta separação. Ela comporta o ensino fundamental e toda organização pedagógica e funcional da escola é discutida e construída pelos próprios alunos em assembleias semanais. Eles são os responsáveis pelo planejamento e execução de seus estudos contando com professores orientadores para auxílio nas suas pesquisas.

A escola também obedece a matriz curricular do ministério da educação português como todas as escolas do país. A diferença é que os alunos não são obrigados a estudar o mesmo conteúdo todos ao mesmo tempo. Eles se organizam conforme necessidade e desejo deles mesmo, seja em grupos ou individualmente e escolhem dentro dos conteúdos da matriz quais conteúdos desejam estudar no momento.

Um exemplo de solidariedade, cidadania e coletivismo na escola são as pedagogias: “eu sei” e “estou precisando de ajuda”. Na primeira, o aluno que sabe determinado conteúdo se disponibiliza a ajudar aqueles que estão com dificuldades. Na segunda, o contrário. Aqueles que estão com dificuldades em determinados conteúdos, pedem ajuda a colegas que tenham condições de ajuda-los. Garantindo assim, a autonomia e a solidariedade entre os discentes na pesquisa pelo conhecimento. Além disto, qualquer aluno sempre poderá pedir ajuda aos professores orientadores quando houver necessidade.

A principal forma de organização pedagógica da escola são os núcleos que os alunos são enquadrados, são eles; iniciação, aperfeiçoamento e aprofundamento. Cada um possui especificidades. Para passar de um ao outro o aluno terá que ter atingido os objetivos de cada núcleo. Ao final, no do aprofundamento, o aluno terá que ter tido habilidade em desempenhar as funções que o aluno do ensino fundamental português da escola tradicional terá para poder ser aprovado e seguir os estudos no nível médio na escola tradicional.

Projeto Âncora

A organização não governamental escola e comunidade de aprendizagem, como se denomina o projeto Âncora, é uma escola também conhecida e premiada por seu modelo estrutural e pedagógico alternativo ao modelo escolar tradicional. Localizada no município de Cotia, em São Paulo, a escola comporta os níveis infantil, fundamental e ensino médio. A escola tem como valores fundamentais a afetividade, responsabilidade, respeito, honestidade e solidariedade.

Sua fundamentação teórico-pedagógica é múltipla e diversa. Seguindo uma proposta horizontal e não hierárquica, a escola têm como característica principal o protagonista do discente na construção do seu conhecimento.

Em nossa proposta pedagógica converge uma multirreferencialidade de tendências: de Freinet a Piaget, de Montessori a Ferrer, de Rogers a Illich, de Ferrero a Bartolomeis, de Krishnamurti a Steiner, de Vigotsky a Varela, de Morin a Deleuze. Mas, no cerne da fundamentação estão aqueles que, no decurso do século XX, apontaram caminhos para a educação do Brasil: Agostinho da Silva, Anísio Teixeira, Cecília Meirelles, Darcy Ribeiro, Eurípedes Barsanulfo, Fernando Azevedo, Florestan Fernandes, Helena Antipoff, Lauro de Oliveira Lima, Lourenço Filho, Maria Amélia Pereira, Maria Nilde Mascellani, Nise da Silveira, Paulo Freire, Rubem Alves, Rui Barbosa. (ÂNCORA, 2017)

A escola têm diversas características que se diferenciam do modelo tradicional escolar. O primeiro é a própria organização dos conteúdos a serem pesquisados pelo próprio estudante, de acordo com sua vontade e curiosidade no momento. É ele que traça seu roteiro de estudo, sempre acompanhado por um tutor educador. Os roteiros de estudos são traçados para execução em quinze dias e diariamente o discente programa a gestão do seu tempo para executar a pesquisa elaborada.

Além do roteiro de estudos que cada discente tem, eles tem a possibilidade de participar de oficinas que escola oferece. São elas: oficinas de: Circo, Mosaico, Sustentabilidade, Silkscreen, Culinária Saudável, Esportes, Música, Natação, Dança, Comunicação, Cidadania, Artes plásticas, entre outros.

Nesta escola os alunos também tem assembleias semanais para discutir, avaliar e propor soluções para os problemas do espaço. Desta forma, contribui para

a formação de um sujeito político, crítico, cidadão e participativo com a coisa pública. Tendo vez, voto e poder de elaboração de proposta pedagógica de intervenção e avaliação do espaço em que vive. Totalmente o contrário da escola tradicional onde os discentes devem obedecer o funcionamento da escola.

Para resolver os conflitos internos, a escola tem uma ferramenta que se chama “rodas de conversa”. Em forma de roda, os envolvidos se encontram juntamente com outros discentes e educadores para discutir, frente a frente, o problema ocorrido e pensar soluções para o mesmo. Além disto tem os “grupos de responsabilidades”. Estes, se formam a partir de uma questão que precisa ser resolvida. Em assembleia, o grupo é composto e a partir daí ele terá de pensar também soluções para tal problema.

Summerhill

Talvez a escola democrática mais antiga do mundo, Summerhill está localizada ao sul da Inglaterra no município de Leiston. Fundada em 1921 por Alexander Sutherland Oneill, a escola é exemplo e referência em modelos alternativos de educação, onde os status de autoridade e disciplina obrigatória são palavras extintas deste ambiente.

A essência de Summerhill está na felicidade. Está é a principal preocupação de Oneill em relação as crianças que frequentam a escola: que estas, tenham felicidade. Logo em sua fundação, ele conta que a preocupação inicial da escola era fazer com que a escola se adaptasse aos alunos e não que os alunos se adaptassem a escola.

O conceito de felicidade de Oneill está intimamente ligado a outro termo: o de liberdade. Ele acredita que sem liberdade jamais o ser humano conseguirá ser feliz. A pedagogia de Summerhill está totalmente ligada estes dois conceitos: liberdade e felicidade.

Tanto as aulas como as lições não são obrigatórias para os alunos. Apesar de ser uma escola internato, os alunos não tem obrigação de frequentar as aulas. Estas, se dão no período da manhã e comportam a grade tradicional de disciplinas de uma escola comum: Ciências, Matemática, Inglês, Línguas Estrangeiras, História, Geografia e Arte, além de cursos de teatro, música, carpintaria e informática.

No período da tarde os residentes são livres também para fazer o que bem entendem. A noite, a escola conta com uma programação cultural em cada dia da semana criada pelos alunos no decorrer de sua permanência na escola.

Para funcionamento da escola, esta tem um rito de, a cada duas semanas, fazer-se uma assembleia geral com todos estudantes e discutir sobre possíveis problemas, situações e proposições de mudanças na escola. Tudo é resolvido em assembleia e todos tem direito igual de voto.

Summerhill é exemplo de que é preciso confiar na intuição e no desejo da criança. E que obrigação é sinônimo de não aprendizado e infelicidade. A disciplina tem que ser conquistada e pensada junto com os sujeitos que a exercerão, sem hierarquia, sem imposição, sendo assim, uma disciplina construída e que com certeza será mais exitosa a sua execução do que uma disciplina imposta por uma autoridade indo contra a vontade daqueles que são obrigados a exercê-la.

O Teatro do Oprimido discutindo o espaço escolar

É preciso repensar a escola. É preciso rediscutir sua infraestrutura, seu currículo, suas relações sociais, e principalmente, é preciso reconstruir a escola e criar uma outra com maior prazer no estar no espaço escolar e na obtenção do conhecimento. Para isto, sugiro uma ferramenta pedagógica estratégica: Augusto Boal e o seu Teatro do Oprimido. Sugiro Teatro do Oprimido porque ele se propõe justamente para o diálogo de uma situação opressora. O diálogo entre aqueles que sofrem a ação e entre aqueles que executam tal ação para que através desta discussão se resolva a opressão levantada. Nas palavras de Babara Santos, integrante do Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro, "CTO-Rio";

O Teatro do Oprimido é um método teatro criado por Augusto Boal e este método tem como objetivo estimular o diálogo, ou seja, como a gente pode através da visão crítica da sociedade, da visão crítica que a gente tem sobre o real, a gente representa este real e gente busca a conversa, a troca de ideias, a troca de experiências sobre este real, ou seja eu vivo o real, eu olho para o real com olhos críticos, eu represento o real e eu te pergunto: como é que gente pode fazer para tornar isto mais fácil, melhor, como que eu posso transformar este real para uma realidade mais acessível para mim, que seja melhor para minha vida... O teatro do oprimido é um diálogo entre as partes na busca por alternativas para transformar o real (SANTOS, 2017.)

Sugiro a utilização de 3 eixos do Teatro do Oprimido para que toda comunidade escolar discuta sua situação com a participação de funcionários, pais, estudantes e professores. São eles: os jogos e exercícios, Teatro Imagem e Teatro Fórum. Claro que para a execução destes três eixos é preciso uma boa formação daqueles que vão aplicar as metodologias e especificidades que eles requerem.

Os jogos e exercícios servirão para “desmecanizar”, “desautomatizar” os corpos e as psiques dos participantes. Além disto, busca a coordenação motora, o domínio do corpo e da voz, o estímulo a expressividade corporal, o “destencionamento” físico e o conhecer o próprio corpo. Os jogos vão servir para deixar o corpo disposto ao pensar e a criação teatral. Sobre exercícios e jogos, nas palavras de Boal:

Utilizo a palavra exercício para designar todo movimento físico, muscular, respiratório, motor, vocal que ajude aquele que o faz a melhor conhecer e reconhecer seu corpo, seus músculos, seus nervos, suas estruturas musculares, suas relações com os outros corpos, a gravidade, objetos,

espaços, dimensões, volumes, distâncias, pesos, velocidade e as relações entre essas diferentes forças. Os exercícios visam um melhor conhecimento do corpo, seus mecanismos, suas atrofias, suas hipertrofias, sua capacidade de recuperação, reestruturação, re-harmonização. O exercício é uma reflexão física sobre si mesmo. Os jogos, em contrapartida, tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagens. (BOAL, P. 87)

O teatro imagem irá anteceder o discurso e a discussão das cenas de opressão com o teatro foro e irá propor leituras de opressões, questões e problemáticas através da criação de imagens corporais sobre a situação. O teatro imagem não se utiliza de palavras, e sim, da criação de imagens corporais sejam individuais ou em grupos sobre a opressão para a partir delas se refletir sobre as opressões trazidas.

Após, o teatro-fórum irá verbalizar e discutir a opressão em cena. Suas diversas possibilidades de resolução da opressão detectada não irá ser prontamente dada pelo dramaturgo ou pelo grupo, e sim, pelo público durante o acontecimento da cena. No momento do acontecimento da opressão em cena, a mesma irá ser pausada e irá ser convidado alguém da plateia a entrar em cena e no lugar do oprimido tomar outra atitude em defesa deste para aquela situação de opressão. Rompendo a barreira entre palco e plateia a fim de envolver todos na discussão da resolução daquela opressão. Nas palavras de Boal " Primeiro se destrói a barreira entre atores e espectadores: todos devem representar, todos devem protagonizar as necessárias transformações da sociedade. " (BOAL, P. 15)

A execução destas três etapas requer um certo tempo. Em um encontro, é impossível desenvolver os três eixos. O educador terá que fazer uma análise dos participantes e prever o tempo que levará cada eixo para ser atingido seu objetivo. Não há como definir um tempo específico para isto. É preciso conhecer os participantes, observar o andamento da execução do eixo e a partir da análise de desempenho do grupo prever um tempo de execução final da proposta.

A utilização do Teatro do Oprimido como estratégia para discutir o ambiente escolar já foi feito no Brasil. Trago aqui dois exemplos de utilização desta prática. Um na Paraíba e outro em Minas Gerais.

O primeiro exemplo de utilização do teatro do oprimido para discutir, problematizar e trazer a cena opressões no espaço escolar e no ambiente cotidiano social, foi a experiência na escola Analice de Caldas, em João Pessoa, na Paraíba.

Após oficinas de teatro na escola e seu período de férias, os alunos, na volta às aulas, reivindicaram a importância e a necessidade de dar continuidade ao trabalho de teatro que vinha sendo realizado na escola. A partir daí, foi criado um grupo. Foi investigado temáticas que envolviam inquietações dos alunos e o tema do bullying e do cyberbullying surgiu.

Depois de feita a pesquisa com matérias sobre os temas, foi criado um texto dramático que envolvia o bullying e o cyberbullying fora e dentro da escola. Como diz o depoimento de um dos alunos envolvidos, através desta experiência de teatro foi possível discutir e criticar problemas internos que acontecem na escola;

Hoje nós fomos para a biblioteca e fizemos uma parte do texto da peça que vamos montar. Criamos personagens e falas. Foi bom. Gostei muito. Também assistimos a um filme, que baixamos do youtube. Era em inglês e falava sobre bullying, mas tinha legenda. O filme falava sobre Amanda Todd, que ela sofria bullying pela internet dos amigos, e de tanta sofrência acabou se matando, de não aguentar tanta violência. Aí, nós decidimos fazer a peça de acordo com o vídeo, e criticar a violência e as coisas ruins que acontecem na nossa escola. Já começamos a primeira e a segunda cena, não muito grande, mas conseguimos.(N.O, 14 anos, 9ª ano. Belém, P. 86)

Outra experiência positiva de Teatro do Oprimido na escola foi em Itatiaiuçu, Minas Gerais, na escola que vou denominar como “escola A”, pois, tal escola, por opção dos autores José Filho e Maria Emiliana, não foi declarada.

A experiência começou com oficinas de TO, depois exercícios de teatro-fórum e depois criação de um espetáculo. Na construção da peça, foi discutido um assunto que até então era tabu na escola: o tema das drogas e a gravidez na adolescência. O trabalho com “TO” permitiu a discussão destes temas, até então, não abertos para discussão pela escola.

Nos exercícios de Teatro-Fórum, foi discutido também outras problemáticas intrínsecas ao cotidiano dos alunos. “ Nas sessões de Teatro-Fórum, o problema das drogas lícitas e ilícitas como gerador de dependência química e violência foi abordado, assim como questões relativas às relações de gênero”. (FILHO, P.10)

Ainda nas oficinas de TO, foi possível discutir sobre outros aspectos referentes ao ambiente educacional onde possibilitou a troca de ideias entre os participantes, a reflexão sobre o assunto e consequentemente o posicionamento crítico sobre o mesmo. Segundo o autor:

No interior da escola, a prática do Teatro do Oprimido favoreceu instâncias de diálogos coletivos, horizontais, que questionaram o próprio funcionamento da instituição, a espacialidade das salas de aula, sua estrutura física, as formas como estabelecem suas relações curriculares, hierárquicas e de conhecimento.(FILHO, P 10.)

Além destas experiências, o CTO-RIO possui um projeto chamado “ Teatro do Oprimido nas Escolas” desenvolvido em cidades periféricas e de baixo índice econômico no estado do Rio de Janeiro que busca justamente a mesma intenção que esta proposta: discutir as opressões no ambiente educacional para através do diálogo resolver tal opressão.

Existem diversos grupos de teatro do oprimido no Brasil e no mundo, como na Índia, Angola, Estados Unidos, Senegal, Moçambique, Sudão, Guiné-Bissau, Filipinas, França, Alemanha entre outros, que buscam com diálogo das opressões através das técnicas do “TO” pensar na resolução destas entre as partes envolvidas.

O teatro do oprimido se mostra revolucionário em muitos lugares por onde ele é trabalhado. Queremos uma escola melhor? Uma escola mais saudável para todos? Por que não se utilizar das técnicas de Teatro do Oprimido? É um ingrediente que sugiro para reflexão conjunta de toda comunidade escolar sobre as opressões neste ambiente e o desbravamento sobre suas possibilidades de resolução.

Uma experiência de TO como estratégia pedagógica para repensar a escola

No mês de agosto de 2017 foi feita uma experiência com técnicas de Teatro do Oprimido (TO) com estudantes secundaristas de uma escola da rede pública no município de Pelotas/RS. As técnicas especificamente foram a utilização do arsenal de jogos para atores e não atores de Augusto Boal e as técnicas Teatro-Imagem e Teatro-Foro. O objetivo da experiência foi de testar as técnicas de Boal a fim de diagnosticar possíveis opressões naquele ambiente escolar para saber se o “TO” poderia ser usado como estratégia de discussão e reformulação do ambiente escolar através da discussão de suas opressões através das cena-foro criadas.

Primeiramente foi feito um projeto e submetido a direção da escola para a mesma dar o aval para trabalhar com os alunos. Passada esta etapa, foi passado nas turmas de ensino médio explicando o projeto e convidando os alunos para participarem. Seis alunos se interessaram em participar do projeto, porém, apenas quatro por circunstâncias de indisponibilidade de data e horário puderam seguir no projeto.

Foi programado sete encontros para a experiência com os alunos, porém, por conta do imediato período de férias da escola não iriam conseguir executar os sete encontros. Ao todo, foram três. O projeto tinha o objetivo de construir uma cena-foro para ser apresentada nas salas de aula a fim de expor as opressões levantadas pelo grupo e discutir através do exercício “foro” as possíveis saídas para aquela opressão.

No primeiro encontro foi constatado que talvez não seria possível executar a cena-foro nas salas de aula por conta da não experiência teatral dos participantes e da confissão dos mesmos em se sentirem constrangidos em apresentar para os colegas nas salas de aula em tão curto tempo. A partir daí, foi mudado a estratégia e o objetivo. Seguiu-se com os jogos de “desmecanização” corporal e psíquica e ao final de cada encontro proporia a improvisação de uma opressão detectada por eles naquele ambiente escolar não com o objetivo de criar a cena-foro para ser

apresentada e sim de levantar as opressões escolares e iniciar a transposição desta para imagens corporais e de cena.

Os adolescentes tiveram dificuldades em desempenhar boa parte dos jogos por conta da rigidez dos corpos. Era a primeira vez que tinham contato com Teatro e isto necessitou um certo tempo de adaptação deles aos objetivos dos jogos trabalhados. Outro fator a se considerar foi o trabalho da concentração dos mesmos. Esta, veio gradualmente, pois, os quatro eram íntimos e possuíam laços afetivos de amizade de anos o que dificultou a concentração dos mesmos nos exercícios. Com o andar do processo foi notado a evolução no desempenho dos jogos.

A cada encontro era planejado uma sequência de jogos corporais e vocais e ao final dos encontros era deixado um tempo para a experimentação de criação de uma cena-foro a partir de uma opressão detectada pelo grupo. E funcionou.

No primeiro encontro a opressão mais levantada pelos alunos e decidida a experimentar em cena foi a do fato de as meninas não poderem ir de saia curta para a escola. As alunas reclamavam em seu direito da censura na vestimenta pela direção. A escola, alegava que o traje era impróprio para o ambiente e que o mesmo era determinante para o abuso e provocação por parte dos meninos. Das três cenas de opressões levantadas nos encontros esta foi a única que se teve tempo de construir uma dramaturgia, que está em anexo neste trabalho juntamente com os planos de aula e o projeto submetido a escola.

No segundo encontro a segunda opressão levantada pelos adolescentes foi a do impedimento por parte da direção de os alunos não poderem tomar chimarrão na escola. Tanto nas salas de aula como no pátio no horário do intervalo. Atitude esta que sinaliza a mais uma constatação de que os alunos não se sentiam totalmente à vontade naquele ambiente, pois, não tinham a liberdade em fazer coisas do seu agrado. Nem nos horários onde eles estivessem livres como no intervalo.

No terceiro e último encontro, foi levantado ao final dos jogos de Boal duas opressões e nelas iniciado primeiras construções de cenas. A primeira, do impedimento da direção da escola de os alunos se auto organizarem e constituírem um grêmio estudantil na escola. A outra opressão levantada foi o do comportamento de um professor na escola em assediar meninas específicas em seu comportamentos.

Ao todo, foram quase sete horas de trabalho com os jogos de Augusto Boal e a improvisação de cenas a partir de alguma opressão encontrada na escola. O trabalho demonstrou que o uso dos jogos e das técnicas do “TO” são uma boa estratégia para discutir, refletir e transformar a escola. A partir da observação de suas opressões e da discussão com os envolvidos os alunos propõem mudanças para seus comportamentos e manifestações no espaço escolar. Sem sombra de dúvidas o uso das técnicas de “TO” foram e são uma excelente estratégia pedagógica democrática de discussão e transformação do ambiente escolar.

Considerações finais

Na pesquisa percebi que o professor tem um papel constante de rever sua prática docente. Creio que a docência a partir do pensamento de que “se deve transmitir os conteúdos” é muito arcaica e ultrapassada. Devemos renovar o papel do professor e da educação pública tradicional. Reformá-la. Construir uma nova escola com a participação de todos, alunos, professor, funcionários, pais, a comunidade. A escola tem que ser um espaço mais prazeroso, onde os alunos se sintam livres e gostem de permanecer, que proponha um aprendizado crítico social e pertinente a formação intelectual. Que o aluno tenha prazer em pesquisar, em explorar sua curiosidade do desvelamento do mundo.

Deixei de abordar na pesquisa vários educadores que questionam o modelo tradicional de escola, no entanto, mesmo no curto espaço de tempo para desenvolver um estudo que cumprisse os requisitos de TCC, pude conhecer projetos educacionais que me deram fôlego para acreditar e perceber que há muitas iniciativas educacionais alternativas ao modelo escolar tradicional que estão dando certo no Brasil e no mundo.

Autores que conheci na pesquisa como Viviane Mosé, Georges Snyders, Agostinho da Silva, Ivan Illich, José Pacheco, Rui Canário, Edgar Morin, Ken Robinson, dentre tantos outros que apareceram nessa pesquisa, que com certeza ficarão na minha biblioteca a ser pesquisada na vida como educador.

Instituições de ensino alternativas que conheci na pesquisa também ficarão na lembrança e na bagagem a ser pesquisada na vida como educador, são elas: a escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorin Lima, em São Paulo, assim como, no mesmo estado, na cidade de São José do Rio Preto, a escola Maria Peregrina. Em Picaranga, na Bahia, a Escola Livre Inkiri. A Escola Meninos e Meninas do Parque em Brasília e o Ginásio Experimental de novas tecnologias Educacionais “GENTE” no Rio de Janeiro.

Além destes, preciso começar a conhecer os mais de cem projetos educacionais no Brasil que José Pacheco é parceiro e que também possuem um viés mais autônomo e democrático na educação.

A sensação é de que não estamos sozinhos na reconstrução da educação, pelo contrário, há muitas pessoas e instituições, como as citadas, que serão parceiras de todo educador e educadora que estão dispostos a reformar a educação.

Referencias

BOAL, Augusto. *200 jogos para atores e não atores*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. *O teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, PAULO. *A pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

NEILL, S. Alexander. *Liberdade sem medo*. 9. Ed. IBRASA: 2017.

BELÉM, Faria Augusta Maria. *O teatro do oprimido no espaço escolar: um despertar crítico criativo*. João Pessoa: 2016

FILHO, P. P. José; MARQUES, D.M. Emiliana. *Teatro do oprimido e educação: perspectivas para as práticas escolares na atualidade*. Zaragoza: ANPAE, 2012.

SILVEIRA, Guadalupe G. Luís. *Outra escola é possível: o modelo Sudbury*. Uberlandia: Creative Commons, 2016.

Regulamento Interno, escola da ponte. Disponível em < <http://www.escoladaponte.pt/novo/projetos/> > acessado em quatro de setembro de dois mil e dezessete.

Imagine uma escola... Sumerhill, youtube. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=-NeDvDOxLWo> > acessado em quinze de setembro de dois mil e dezessete.

Quando sinto que já sei, youtube. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg> > acessado em vinte e quatro de setembro de dois mil e dezessete.

Teatro do Oprimido e educação, youtube Disponível em <
<https://www.youtube.com/watch?v=HKAAy33tYP4> > acessado em nove de setembro
 de dois mil e dezessete.

Projeto Âncora, Website Âncora. Disponível em <
https://www.projetoancora.org.br/?gclid=Cj0KCQiAzfrTBRC_ARIsAJ5ps0t8dTYXCnKHQfn1p296606_IDeWggozHnQmW2EZIT7g3pywku52fdYaAnlxEALw_wcB >
 acessado em vinte e sete de setembro de dois mil e dezessete.

Lei 9.394/96, site Planalto. Disponível em <
http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm > acessado em 20 de agosto de
 dois mil e dezessete.

ANEXOS

Projeto de encontro Teatral na Escola

UFPel- Centro de Artes

Curso de Teatro-Licenciatura

Disciplina: Projeto em Teatro I

Acadêmico Carlos Roberto Escouto

Professora Responsável: Fabiane Tejada

Escola Estadual de Ensino Médio Doutor Augusto Simões Lopes Neto.

Questão de Pesquisa

Como a Proposta de Teatro do Oprimido de Augusto Boal, através da Técnica de Teatro Fórum se desenvolve com jovens estudantes para identificar opressões no ambiente escolar e despertar seus processos de emancipação em benefício da transformação deste ambiente?

Objetivos da oficina na escola

Organizar grupo de trabalho na escola para observar e refletir sobre como a Técnica de Teatro Fórum se desenvolve com jovens estudantes para identificar opressões no ambiente escolar e despertar seus processos de emancipação em benefício da transformação do espaço escolar.

Refletir e expor em cena possíveis opressões do ambiente escolar e discutir como a ação dos espect-atores pode transformar a realidade opressora.

Estreitar a relação do teatro com os estudantes envolvidos.

Justificativa para o desenvolvimento dos encontros na escola.

A escola como um espaço de estudo com o objetivo de pesquisar as possíveis opressões que aparecem neste contexto, tanto do educando como do educador e de toda a comunidade escolar que nele atua. Refletir e discutir sobre as opressões utilizando das técnicas de teatro-fórum, pode ajudar à comunidade escolar a transformar as opressões que se apresentam neste espaço, contribuindo para a melhora das relações que nele se estabelecem em busca de um ambiente mais saudável e menos opressor. As opressões discutidas e retratadas através das cenas de teatro-fórum também podem servir para a escola repensar seu projeto político pedagógico, identificando o que não é oportuno à comunidade escolar e pensando políticas para resolução dessas opressões para melhor convívio de todos. A reflexão sobre a escola não poderia se dar sem membros da própria comunidade escolar, por isto, também, a importância de construir este grupo temporário de teatro na escola para poder melhor analisar este espaço educacional.

Etapas da metodologia de trabalho na escola

A proposta é de sete encontros com os alunos. Um por semana com duração de duas horas e meia. Nos encontros, trabalharemos jogos e dinâmicas teatrais, sempre. Primeiramente, iremos conhecer Augusto Boal através de recortes de seus livros e documentários disponíveis no youtube. Posteriormente, iremos trabalhando

jogos e exercícios do livro “Jogos para atores e não atores” do Boal e entrando aos poucos na criação de cena(s) de teatro-fórum, conforme o processo dos encontros nos permitir. A proposta ainda prevê depois destes encontros pelo menos uma apresentação para os estudantes de nível médio da escola e para todos/as interessados/as em data a ser definida junto com a mesma.

Referências Bibliográficas

BOAL, Augusto. *200 jogos para atores e não atores*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. *O teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

Documentário Augusto Boal, Youtube. < <https://www.youtube.com/watch?v=c-LE9kXutRw> > , acessado em 18 de junho de dois mil e dezessete.

Augusto Boal 1º parte, Youtube. < <https://www.youtube.com/watch?v=03klL8Ghlpw> > acessado em 18 de junho de dois mil e dezessete.

Augusto Boal 2º parte, Youtube. < <https://www.youtube.com/watch?v=1uk43Uy77ks> > acessado em 18 de junho de dois mil e dezessete.

Augusto Boal 3º parte, Youtube.< https://www.youtube.com/watch?v=dsIa0B_eVIs > acessado em 18 de junho de dois mil e dezessete.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

NICOLETE, A. Criação coletiva e processo colaborativo: algumas semelhanças e diferenças no trabalho dramatúrgico **Sala Preta**. v.2, 2002.

Araújo, A. O processo colaborativo como modo de criação. **Olhares**, 2009.

Plano de aula do encontro com secundaristas na escola Doutor Augusto Simões
Lopes

07 de Julho de 2017

Carlos Roberto Escouto

Objetivo geral

Propor a coesão de grupo para solidificar energeticamente os próximos encontros.

Objetivos específicos

Criar a coesão no grupo

Explorar a desmecanização dos corpos

A Desautomatização da psique

A improvisação de corpos e situações

Conhecer Augusto Boal

Exercitar uma cena de teatro-foro

Metodologia

Relaxamento + carregar no espaço: 15 min.

Apresentação da proposta: 5 min.

Dinâmica apresentação: 10 min.

Apresentação Augusto Boal: 25 min.

Bolinha: 10 min

Círculo rítmico de Toronto: 10 min.

O cacique: 15 min.

Caminhadas no espaço com estímulos: 15 min.

Experimentação de cena de teatro-foro: 30 min.

Referencial bibliográfico

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. 5º e.d. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Plano de aula do encontro com secundaristas na escola Doutor Augusto Simões

Lopes

14/07

Carlos Roberto Escouto

Objetivo geral

Desmecanizar corpo e psique, retrabalhar cena foro do último encontro e experimentar a criação de outras

Objetivos específicos

Desmecanizar e desautomatizar corpo e psique

Estimular a energia e disposição para cena

Alongar e aquecer corpo e voz

Trabalhar a coringagem das personagens da cena foro

Pesquisar outras opressões e propor teatro-imagem e cena sobre

Metodologia

Relaxamento - 5 min

Caretas em círculo + alongamento - 10 min

Cantar + dançar - 3 min

Objeto Imaginário - 7 min

Objetos e figurinos + personagem - 15 min

Caminhadas (enrijecer/amolecer por partes + carregar pedra + parte mínima no outro + menor superfície (sozinho e duplas) - 25 min

Passar cena-fórum/exercícios todos fazem todos personagens - 25 min

Investigar opressões na escola e criar imagem e cenas sobre – 45min

Plano de aula III encontro

Objetivo geral: desmecanização de corpo e psique, exercício cena fórum das duas cenas anteriores e trabalhar imagens de outras opressões e possíveis cenas

Objetivos específicos

Retrabalhar cenas-fórum

Investigar através de imagem e cenas outras opressões

Metodologia

Jogo dramático pedagogia II: 10min

Narrativa dramática: 10min

Obstáculo imaginário no espaço: 25min

Caminhadas (foco, enrijecer partes, bola imaginária, água, folha) 10min

Retomada cenas foro: 30min

Criação de imagens de opressões: 20min

Jogo-dramático com outras opressões: 30min

Dramaturgia cena fórum I

VALQUIRIA

TEMER

MARCELINA

MONITORA

[Portão de uma escola. Sala da direção e uma sala de aula. Temer está em sala de aula esperando os alunos. Monitora está cuidando o portão e Marcelina na sua sala. Valquíria entra.]

MONITORA – Bom dia!

Valquíria – Bom dia!

[Valquíria passa e monitora persegue Valquíria a chamando.]

MONITORA – Valquíria, não pode entrar de short na escola, e tu sabe disto.

VALQUIRIA – Eu não sou obrigada a passar calor.

MONITORA – Mas é regra da escola e você tem que obedecer.

VALQUIRIA – E eu não vou respeitar. Essas regras são uma palhaçada.

MONITORA – Então vou chamar a Marcelina para conversar com a senhorita lá na tua sala.

[Soa o sinal (todos fazem o som na hora) e a monitora vai até a direção.]

MONITORA – Marcelina, a aluna Valquíria da turma 666 veio de short pra escola e não está querendo sair, trocá-lo, e vir de acordo para a escola.

MARCELINA – Ah, até sei quem é, só pode ser daquele grupinho da 666...

[Marcelina vai até à sala.]

MARCELINA – Com licença Temer, eu queria dar uma palavrinha com a Valquíria.

TEMER – Pode entrar Marcelina, à vontade.

MARCELINA – Valquíria, tu não sabe que não pode vir de short? É regra da escola e todos estão cansados de saber.

VALQUÍRIA – Tá, e tu acha justo eu vir de calça nesse calor?

MARCELINA – As regras são iguais para todos durante todo ano letivo Valquíria.

VALQUÍRIA – Para todos? Para todos não, apenas para as alunas e pra alguns professores não.

MARCELINA – Mas isso é a hierarquia da escola, eu sou a diretora e você a aluna. Você tem que respeitar nossas diferenças.

TEMER – Você, como aluna deveria respeitar as regras da instituição escolar e este não é um assunto para ser debatido Valquíria e sim respeitado.

VALQUÍRIA – Mas meu short nem é tão curto, para que tudo isso?

[Marcelina saca de um lugar inesperado do corpo uma régua e vai até Valquíria medir seu short.]

MARCELINA – Como você vê, está acima do permitido pela escola. Ande, me acompanhe e vá até em casa trocar este short para poder voltar para escola.

[Valquíria levanta constrangida e vai a frente de Marta saindo de sala. Inicia diálogo Fórum com os spect-atores.]

Fotos

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6

